

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistada: Sanete Esteves de Sousa

**Comunidade Mocó dos Pretos, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha,
Minas Gerais**

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. *A jovem guardiã das tradições – Entrevista de Sanete Esteves de Sousa. Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

A jovem guardiã das tradições

Nascida e criada na comunidade de Mocó dos Pretos, Sanete Esteves de Souza, ex-diretora da Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais, traz muitas lembranças de quando era criança. Tempo em que as famílias sentavam na porta das casas, em noite de lua cheia, e trocavam versos de uma casa a outra ao som de instrumentos tocados por pais e tios, numa verdadeira comunhão entre vizinhos. “Hoje tem a televisão, e quando a gente fala de fazer alguma coisa parecida, as pessoas respondem, ‘está na hora da minha novela’. É novela da tarde, novela da noite, e ninguém mais faz nada”, recorda.

Combativa, trabalha arduamente para a manutenção da cultura e valorização da questão quilombola. Atua diretamente nas diversas associações do município e reconhece que as certificações ajudam no reconhecimento, autoestima e manutenção cultural do município. “Os certificados estão ajudando no resgate e manutenção da cultura local, porque é feito um trabalho de conscientização. Tínhamos a consciência da riqueza cultural deixada de pai para filho, mas não a consciência de que tudo isso era de nossos antepassados e com tanto sacrifício, como foi com os quilombolas”, pontua. Estima-se que na região existam 14 mil habitantes que se reconhecem como remanescentes de escravos.

Gostaríamos que você contasse para gente, primeiro um pouco do contexto de Berilo, no estado de Minas Gerais, como o maior município quilombola de Minas. A importância dos quilombolas de Berilo para Minas Gerais e para o Brasil.

Na verdade, seria a importância dos quilombolas para o Brasil e não só para Berilo. Porque penso que os negros têm uma história muito rica, como creio que outras etnias também têm na construção do Brasil. O importante é que nós, quilombolas, preservamos uma tradição, ou várias tradições, que muitas etnias não preservam. Muitas coisas se deixam acabar ou esquecer. Tudo o que tem aqui, que os quilombolas de Minas Gerais, e principalmente do município de Berilo, têm é que tudo o que sabem foi passado realmente de pai para filho. A importância é muito grande no contexto histórico.

O município de Berilo possui 42 comunidades, sendo que 36 são identificadas como quilombolas e 8 são certificadas. E o que mudou nessas oito ao serem certificadas? Na verdade, os certificados não vieram nos dizer que somos quilombolas. Somos nós é que dizemos para o governo que somos quilombolas, e eles nos reconhecem com uma certificação. O título não veio ainda porque nós não temos conflito de terra. As terras onde estamos, nós do município de Berilo, são as terras que nossos avós deixaram para nossos pais e que, por sua vez, deixaram para a gente, e assim nós continuamos no mesmo lugar.

O importante na riqueza cultural do município, e da aprendizagem, é que pessoas que não tinham a consciência de serem quilombolas passaram a ter. Porque “lá em cima” alguém diz “você tem direito igual” e nós, que não corríamos atrás desse direito e crescemos com muitas dificuldades, achávamos que o normal era ter essa dificuldade e pronto. Hoje a gente sabe que nós temos dificuldade, mas que temos que correr atrás para saná-las, ir atrás de alguém, do governo federal, estadual ou municipal.

Muitas vezes, nós mesmos sanamos algumas dificuldades, já que em todos os quilombos do município de Berilo têm uma associação quilombola e todos os moradores dessas comunidades remanescentes de quilombos se reúnem e formam uma associação para resolver minimamente possíveis problemas. Daí não precisamos buscar em outros lugares, principalmente, esferas governamentais que mandam para gente tudo de cima para baixo. Nós gostamos de tudo de baixo para cima.

Esse reconhecimento local de ser quilombola veio com a certificação?

Veio com a certificação, porque foi feito um trabalho de conscientização. Tínhamos a consciência de que tudo que tínhamos era rico e foi deixado de pai para filho, mas não tínhamos consciência de que isso era de antepassados, com tanto sacrifício, como teve nos quilombos.

Por exemplo, onde nós estamos agora, no Alto Caititu. Eu sou da comunidade de Mocó dos Pretos, e temos Caititu do Meio ao lado, mas todos foram gerados de um grande quilombo que é exatamente aqui onde estamos, Alto Caititu. O maior problema que nós enfrentamos nessas comunidades é que o governo, ao sancionar a lei, não imaginava a quantidade que somos.

Outro dia, um prefeito de Itabirito esteve em Berilo e falou que o governo trata melhor os índios que os quilombolas. Eu respondi a ele o que eu acho; na verdade os índios são em menor quantidade. Quando o governo deu direito para os índios, ele acertou que tinha pouca quantidade de índios. Mas quilombolas eles não imaginavam o quanto nós éramos. Então as políticas públicas chegam com mais eficácia para os índios e menos para os quilombolas. Vamos imaginar que eles fizeram um programa para dois mil quilombolas; não dá, somos mais de cem mil. Significa que a estratégia pública que eles tinham não vai chegar, e vai levar muitos anos para alcançar a todos nós.

Quantos quilombolas possui Berilo?

Nós somos 865 quilombolas certificados.

E sem certificação?

Somos dez mil, aproximadamente. Como o município é quase todo quilombola - três mil estão na cidade -, somos aproximadamente 14 mil.

E número de comunidades?

As certificadas, como quilombolas?

Todas.

São 42 comunidades quilombolas no município de Berilo.

E certificadas?

Certificadas são 8 e identificadas quilombolas, 36 comunidades.

Com a certificação, quais benefícios vocês tiveram?

Tivemos vários benefícios. Nas escolas, por exemplo. Escolas estaduais, embora as municipais também recebam uma verba per capita. Não estou dizendo que o valor é esse, mas se o valor normal por aluno é de 40 centavos, nós, quilombolas, recebemos 80, praticamente o dobro. Por isso tem condições da escola melhorar o prédio, a estrutura, trabalhar melhor a parte pedagógica.

A escola também tem condições de resgatar a cultura, através de várias danças, coisas que a comunidade foi perdendo. Só que na escola municipal não acontece, o que é repassado, na verdade, e só para alimentação; não se investe nos prédios. Porque tem uma questão no município de uma escola falar “porque a escola de tal comunidade tem direito a essa pintura, a essa estrutura, e nós que também somos do município não temos”? Então, eles batem na tecla de que estariam discriminando outras comunidades que não são certificadas, e a verba não cai.

Já nas escolas estaduais, como a Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida, Santo Isidoro e Escola Estadual Ribeirão do Altar, como são estaduais, esse dinheiro é gerenciado pelo colegiado dentro da escola. Investem no prédio, como vocês acabaram de ver na Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida. Investem no resgate das danças, visitam as comunidades para presenciar a história, vivem de verdade como povo da comunidade. As municipais não; o que faz na escola A faz na X e não modificam em nada, porque eles pensam que estão discriminando, sendo que, na verdade, estão devolvendo um direito tirado. Mas a gente pode ler a mesma frase e cada um coloca sua conclusão.

Quais são os principais problemas das comunidades quilombolas de Berilo?

São inúmeros, mas o principal é a mudança de clima que a gente sempre enfrenta. Isso não tem como a gente interceder muito se não tiver um governo eficaz para ajudar na intervenção humana, de como saber conviver com esse clima. Aí vem a falta de água, estradas péssimas. A administração funciona assim; tem um buraco, vai lá e passa a patrola¹. E quando chove? Até para chegar a alimentação da cidade para o pessoal da zona rural comprar é difícil.

Sobre a saúde, nós, quilombolas, negros do Brasil, temos especificidades na saúde e é diferente de outras etnias. Por exemplo, anemia falciforme² nós negros temos, é

¹ Patrola é um maquinário que abre, nivela, limpa e escava terrenos. Fonte: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#1>

² A Anemia Falciforme tem como principal característica a deformação nas membranas dos glóbulos vermelhos do sangue. Por conta dessa alteração, essas membranas podem se romper com maior facilidade, causando anemia. A doença é genética nos afrodescendentes das Américas e não há tratamento específico para ela. Fonte: Associação de Anemia Falciforme de São Paulo. Disponível em: <http://www.aafesp.org.br/o-que-anemia-falciforme.shtml> e Site Dráuzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/anemia-falciforme/>

hereditário, outras etnias não têm. Mas o município, a saúde, o SUS não tem como tratar isso de forma diferenciada. Muitas vezes não temos médicos nem para tratar de nada.

Temos também o problema da evasão escolar. Porque o município pequeno que não tem como dar emprego a todos, o jovem sai para a colheita do café e o corte de cana, e aí acaba estudando menos. Já estudam pouco, e desse pouco diminui mais ainda. Antes iam só os pais e os rapazes. Hoje vão famílias inteiras para a colheita do café. Estão também saindo as mulheres que vão para a cidade grande trabalhar como doméstica. Apesar de ter bastante oferta de escolas e programas para todos estudarem, tem a situação da alimentação para aguentar estudar. Se não tiver o que comer hoje, não vai adiantar nada.

E do ponto de vista da tradição cultural, vocês conseguem manter essa tradição aqui?

Fica difícil também manter essas tradições, afinal, muitos saem. Para o corte de cana os homens ficam oito meses fora, além das mulheres, que também hoje vão. Ficam lá oito meses. Para o corte de café, mais quatro. Quem vai para trabalhar como doméstica só volta depois de um ano, quando tem férias das casas.

Então, para manter essa cultura fica difícil, porque os pais nunca estão, e o pouco de mulheres que ficam para cuidar das crianças e cuidar da lavoura é que mantém essa cultura. Os que ficam fora adquirem o hábito de se engajar em outras culturas. Quando vêm aqui, que é uma vez por ano, uma semana de férias ou 15 dias, não tem como estar praticando a cultura local, ou participar das festas locais.

Quais são as manifestações culturais de dança e música que ainda hoje se manifestam aqui nas comunidades? E as que você tem de lembrança que ficou para trás e não acontecem mais?

Todas as comunidades têm a festa de padroeiro e todas as festas de padroeiro ainda são feitas de maneira tradicional. Tem a parte religiosa, que, em sua maioria, são católicas. São poucos os terreiros. Tem a missa, o levantamento do mastro, que ainda é com congado, com banda filarmônica, e ainda tem a tradição de dar comida em tudo o que se faz.

Se faz um terço, comida para todos; se faz uma festa, comida para todos, e é comida típica do lugar. Além dessas festas, todas as comunidades participam da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Berilo, em outubro. São as comunidades que produzem os doces, que são feitos nas próprias comunidades, e os mordomos são das próprias comunidades. Este ano o mordomo é da minha comunidade, comunidade de Alto Caititu e Mocó dos Pretos.

O que são os mordomos da festa?

São as pessoas que ficarão responsáveis pelo penúltimo dia da festa. É o dia de buscar a santa no rio, oferecer o café da manhã, às 4 horas da manhã. Depois vai buscar a santa às 9 horas e oferece o almoço, às 11 horas. E a outra comunidade, já que são duas como mordomo, fica responsável de tarde pelo mastro, a queima de fogos, a “levantação” da bandeira, a procissão com todos os grupos de congados e a janta. Esses são os papéis dos mordomos. É como se fossem auxiliares dos festeiros anteriores.

Daí temos também os grupos, como a Banda Filarmônica Santo Isidoro, o Congado Batuque dos Quilombolas, temos o Congado da Barra, que é São João Batista. Temos outras danças que estão sendo resgatadas, mas ainda não sei exatamente que linha estão tomando, ainda estão sendo estudadas. E o que temos ainda para resgatar, uma coisa que tinha, que me lembro de quando era criança, era sentar na porta de casa em noite de lua. Os pais pegavam um tambor, e também todos os pais naquela época tinham sanfona, violão, e tocavam esses instrumentos. As filhas jogavam verso, era verso para namorado, tudo o mais. Às vezes um vizinho combinava com outro. Eu lembro do meu pai do lado de cá e meu tio do lado de lá, e eles trocavam de noite, um jogava verso para o outro discutindo em versos. Era muito bom.

Hoje tem a mídia, a televisão e quando você fala de fazer alguma coisa as pessoas respondem “está na hora da minha novela”. É a novela da tarde, é a novela da noite, e aí todo mundo hoje não faz mais isso.

E esse resgate de algumas manifestações se dá por quê? O que está estimulando esse resgate de algumas danças que tinham se perdido ou parado?

O que está estimulando são as certificações. Tipo “eu sou quilombola, o que existia, o que foi que meu pai fez e minha mãe fazia”? Se a gente não passar para frente não vai

ter como continuar. E não é só a comunidade, por isso que a escola está sendo muito importante. A gente vai até a escola e conta a história, ou a escola vai até a comunidade e pergunta como era. Uma pessoa mais velha, que participou daquilo, vai na escola e fala ou mostra como era. Aí incentivam as crianças que querem praticar e repassam. Exatamente por isso que está sendo repassado, para que não morra. Porque adormecido já está, se a gente deixar não vai acordar nunca mais.

Qual a importância desse lugar onde estamos dentro da comunidade?

Aqui onde estamos é Alto Caititu. Segundo historiadores que aqui estiveram, neste local foi onde iniciou o quilombo. Iniciou com as pessoas que vieram parar aqui, vindo de Chapada do Norte ou Minas Novas. Minha mãe é de Minas Novas e meu pai, de Chapada do Norte, então, eu também vim de lá, de certa forma.

Aí, o que aconteceu? Aqui era um lugar, segundo historiadores, que era o quilombo onde tinha uma visão melhor para observar se vinha capitão do mato, ou outra pessoa estranha. Eles captavam tudo o que chegava, porque aqui dá para ver Chapada do Norte, Berilo, Virgem da Lapa, Francisco Badaró e Tocoíós. Aqui é um centro que dá para ver todos os lugares. Um lugar onde eles se protegiam de algo estranho que fosse chegar até a comunidade. E foi daqui também que gerou Mocó dos Pretos, todos são daqui, Caititu do Meio também, Água Limpa, Quilombolas e Água Limpa de Cima, todos foram iniciados a partir daqui, porque todos dessas comunidades que citei têm parentes que vêm daqui. Então, segundo a história, todos os quilombos próximos daqui foram originados aqui mesmo.